

Literatura de Monteiro Lobato

Cléa Coitinho Escosteguy
ULBRA

Trabalhar com as obras de Monteiro Lobato é fazer emergir a fantasia e a criatividade, já tão esquecidas. Não há, com certeza, na ficção de Lobato para crianças, nenhuma fronteira entre o real e o maravilhoso, o possível e o impossível. Tudo é tão natural, tudo era tão possível.

No interior de suas obras, Lobato faz acontecer as coisas mais absurdas com toda a naturalidade: sem explicar, sem justificar, sem dizer como foi que aconteceram. Assim, logo no início da saga do *Sítio do Picapau Amarelo*, é com muita naturalidade que o narrador onisciente, onipresente e onividente dessa história, que começa "à beira da água" – um rio um tanto indeterminado e indefinido existente no Sítio – leva o leitor para o caminho do encantamento, onde não há diferença nem separação entre o real e o imaginado

Monteiro Lobato conduz esse processo, em que as narrativas das histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo transitam do ordinário, real, trivial, comum, para o âmbito da imaginação, como se não houvesse diferença nem separação entre esses dois mundos. Tudo é real. Tudo é um.

Podemos lembrar que, nas histórias dos personagens do Sítio, em que o trânsito do mundo real habitado pelos personagens para outros mundos depende de instintos idôneos – como viajar à Grécia de Péricles? Como ir à lua? –, é preciso utilizar um instrumento de transporte. A lógica impõe a existência desse instrumento.

É então que Monteiro se vale de alguns artifícios: o pó de pirlimpimpim, que transporta de um lugar para outro, vencendo o espaço, um segundo elemento, que os leva para outro tempo, vencendo as barreiras temporais, o faz-de-conta, que suprime as impossibilidades de acontecimentos, e o super pó, inventado pelo Visconde de Sabugosa em "O Minotauro", que transporta, num átimo, para qualquer lugar indeterminado, desde que desejado. Então, o elemento "pó" é um instrumento de transporte – através do espaço e do tempo. O faz-de-conta é supressor de impossibilidades.

Se caminhar-mos no interior dos livros de Lobato, veremos Emília, que se utilizava do faz-de-conta quando se via diante de uma dificuldade intransponível; recorrendo a ele, o impossível se possibilitava, realizava-se num piscar de olhos.

Em 1920, Lobato criava o 1º livro dos 17 que veio a lançar, *A menina do narizinho arrebitado*. Nesta obra, surgem uma avó, a neta órfã Lúcia e sua inseparável boneca de pano, Emília, além da negra Anastácia, que vivem sossegadas “lá no fundo do grotão”, sem inquietações nem aborrecimentos.

Logo que Monteiro Lobato lançou o 1º livro, a crítica lhe foi muito positiva. Ele deu à literatura infantil uma nova roupagem, olhou-a com outros olhos, conseguindo trazer à tona obras criativas e vivas, como disse Tristão de Ataíde no Jornal do Rio de Janeiro:

Por ele a criança criará gosto pela leitura, sentirá que o livro não é apenas um instrumento de disciplina, mas um campo maravilhoso para expansão de um mundo interior, reprimindo ou apenas pressentindo. É um livro que estimula a vida, que fecunda a imaginação, que desperta a curiosidade. (ATAÍDE, 1921)

Não há dúvida de que o grande valor da invenção literária de Lobato e o amplo sucesso obtido junto aos pequenos leitores não se deveram apenas a sua grande imaginação, ao inventar personagens e tramas cheias de criatividade e de humor sadio. Como em toda grande obra, o seu mérito está na perfeita sintonia entre a matéria literária, as idéias, os valores que lhe servem de fortalecimento e as composições de época em que ela foi escrita.

Quando Monteiro Lobato pensou no Sítio do Pica pau Amarelo, pensou em um reino de liberdade. Liberdade de ser, de fazer, de ativar, de pensar – sobretudo de pensar – e de tomar iniciativas. O sítio é um reino de encantamento: a vida lá é uma mistura de realidade e fantasia. Vai-se da realidade à fantasia com a naturalidade com que se dá um passo ou se faz um gesto qualquer. Podemos afirmar que no Sítio vive-se para duas coisas: brincar e aprender. A vida lá é só isso.

Mesmo nas histórias de quase pura fantasia, estão inseridos ensinamentos, instruções e informações; e, nas reuniões destinadas a ensinar, acontecem situações de divertimento e brincadeiras. Com toda essa expressão, no ambiente escolhido para ser cenário de suas obras, vemos que

Lobato tinha uma visão cristalina sobre educação, a verdadeira educação que deve envolver os pequenos.

Os livros com mais fabulação, com um predomínio do caráter ficcional da narrativa, contém também muita informação e elementos didáticos. E os livros com um caráter mais didático também contém um numeroso elemento ficcional, seja sob forma e em modo de ações, seja sob forma e em modos de diálogos. (BARBOSA,1996, p. 85)

Reinações de Narizinho é uma boa amostra disso. Começa com a mais pura ficção e com muita ação: à beira do lago, Narizinho começa a conversar com um peixinho e, logo depois, vai com ele visitar o Reino das Águas Claras, no fundo do mar. Todo o livro é rico em ações. Monteiro sempre encontra um jeitinho para inserir suas idéias, seus pensamentos e informações destinados a instruir e educar.

A insistência e o senso de oportunidade com que Monteiro Lobato intercala instrução e educação em suas narrativas, mesmo as menos propícias a inserções didáticas, revelam, desnudam, esclarecem sua preocupação de fazer de sua literatura para crianças e jovens um veículo de formação intelectual e moral. (BARBOSA,1996, p. 85)

Observamos que a sua visão darwiniana de mundo o impedia de pregar a bondade, pelo contrário, forçava-o a ensinar a astúcia, a esperteza, o valor da inteligência e a necessidade da coragem para que os seres humanos sobrevivam e se desenvolvam como grandes cidadãos. É nessa reflexão que lembramos as personagens criadas por Lobato, todas elas com suas características...

Tia Anastácia é sempre boa, é toda trabalho, aliás, é a única pessoa que realmente trabalha. É também vista como medrosa, supersticiosa, "*negra beijuda*", mas é a mais criativa, já que foi ela quem fez Emília e o Visconde de Sabugosa.

E falando em Visconde, podemos observar que esse é o personagem menos querido de Lobato, mas nem por isso é satirizado. Ele é metido, pedante, complicado, incapaz de lidar com o concreto, podemos dizer que ele é

o “covarde”, mas acadêmico.

Na obra *Reinações de Narizinho*, podemos comprovar o estilo de Visconde: “O Senhor Caramujo é um molusco gastrópode do gênero Líparis”. (LOBATO,1947, p.58)

Segundo uma estudiosa de Monteiro Lobato, as crianças Narizinho e Pedrinho apresentam uma “marvilhança” que todas as outras crianças deveriam ter. Uma felicidade de estar sempre à frente das aventuras e desafios sem medo de estarem sendo infantis demais. São crianças soltas e críticas que percorrem todos os caminhos da imaginação que Lobato proporciona.

Acompanhando as crianças, temos D. Benta, paciente e muito sábia, que, com o passar dos tempos vai tornando-se mais bondosa e carinhosa. Acompanha passo a passo as fantasias dos netos e permite-se viajar pelo país da fantasia e do faz-de-conta: “Vou menino, vou! – disse ela afinal. Mas pelo amor de Deus não me atropele mais.” (LOBATO,1947, p.154)

Já Emília, que não é criança e sim uma boneca, mostra-se independente e dona do seu nariz. Segundo Fanny Abramovich (2001), Emília é a primeira personagem feminista da nossa literatura. “Emília não se mostrava disposta a casar. Dizia sempre que não tinha gênio para aturar marido, além de que não via lá pelo Sítio quem a merecesse.” (LOBATO,1947, p.46)

Observamos também em cada obra a relação de amor e ódio entre Lobato e Emília. Mas o próprio Lobato, em uma de suas obras, diz que Emília manda no Sítio.

Emília nada mais é do que o próprio Lobato, que, pela postura eternamente questionadora da boneca feita de pano e recheada de macela, extravasa seu inconformismo com toda a sociedade da época. A educação e o caminho pelo qual as crianças e jovens estavam sendo guiados lhe preocupava muito.

A época de Lobato foi uma época rica em debates sobre reformas educacionais. Novas teses pedagógicas e fundamentos teóricos estavam sendo questionados fora do Brasil, mas vinham repercutir em nosso país.

Coube a Lobato a fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a literatura

infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas que o novo século exigia. (COELHO, 1998, p.165)

Com esse comentário, podemos também fazer referência à linguagem que Lobato adota, que é de uma simplicidade até então ausente nas demais obras da época. Ele desenvolveu uma linguagem para crianças, muito brasileira e popular, resultante de sua vida como habitante no interior de São Paulo.

Uma manifestação clara e evidente em suas obras são os neologismos que Lobato insere em cada uma de suas histórias. Foi com muita criatividade que ele inventou inúmeras palavras: *emilice*, *emilíssima*, *sabuguiano*, *pirlimpimpinesco* (...)

Enfim, Monteiro Lobato, movido pela indignação social, focado no futuro, repleto de intuições em relação às crianças e conhecedor de suas inteligências, ofereceu para o público infantil o que tinha de melhor: sua irreverência, suas histórias criativas e emocionantes, seu conhecimento instigador, seus personagens imprevisíveis, sua eterna mistura entre o real e o imaginário e sua crença na liberdade.

Sabemos que ele inaugurou a literatura infantil brasileira e que permanece em todas as discussões e reflexões sobre o tema.

É preciso que as escolas levem Monteiro Lobato às mãos dos pequenos e grandes leitores e que esmiucem as suas obras, para que todos possam descobrir a magia, o fantástico e o imaginário de suas histórias.

Referências

BARBOSA, Alaor. *O ficcionista Monteiro Lobato*. Editora Brasil, 1996

AZEVEDO, Carmen Lúcia de. *Furacão*. Editora Senac, 1998.